



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III – GUARABIRA
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS INGLÊS**

MARIA GABRIELLE ARAÚJO SILVA

**O IMPACTO TECNOLÓGICO OCASIONADO PELO COVID-19 EM RELAÇÃO AO
ENSINO REMOTO DA LÍNGUA INGLESA: UM REFLEXO SOCIAL E ECONÔMICO**

GUARABIRA, PB

2020

MARIA GABRIELLE ARAÚJO SILVA

**O IMPACTO TECNOLÓGICO OCASIONADO PELO COVID-19 EM RELAÇÃO AO
ENSINO REMOTO DA LÍNGUA INGLESA: UM REFLEXO SOCIAL E ECONÔMICO**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Departamento de Letras
da Universidade Estadual da Paraíba,
como parte dos requisitos para a obtenção
do título de licenciatura em Letras-Ingês.

Área de concentração: Educação.

Orientador: Prof. Dr. Eduardo Henrique Cirilo Valones.

GUARABIRA, PB

2020

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586i Silva, Maria Gabrielle Araujo.
O impacto tecnológico ocasionado pelo Covid-19 em relação ao ensino remoto da língua inglesa [manuscrito] : um reflexo social e econômico / Maria Gabrielle Araujo Silva. - 2020.
28 p.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Inglês) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2020.
"Orientação : Prof. Dr. Eduardo Henrique Cirilo Valones ,
Coordenação do Curso de Letras - CH."
1. Educação. 2. Pandemia. 3. Tecnologia. 4. Metodologias de ensino. 5. Aulas remotas. I. Título
21. ed. CDD 374.4

MARIA GABRIELLE ARAÚJO SILVA

**O IMPACTO TECNOLÓGICO OCASIONADO PELO COVID-19 EM RELAÇÃO AO
ENSINO REMOTO DA LÍNGUA INGLESA: UM REFLEXO SOCIAL E ECONÔMICO**

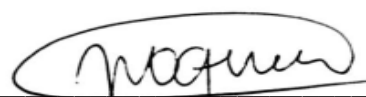
Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Departamento de Letras
da Universidade Estadual da Paraíba,
como parte dos requisitos para a obtenção
do título de licenciatura em Letras Inglês.


Área de concentração: Educação.

Aprovada em: 24 / 11 / 2020.

BANCA EXAMINADORA


Prof. Dr. Eduardo Henrique Cirilo Valones (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Dr. Juarez Nogueira Lins (Avaliador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Profa. Ma. Joseane Mendes Ferreira (Avaliadora)
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

“ENSINAR é produzir e promover a produção do conhecimento. O conhecimento, em todas as suas modalidades: científico, artístico, literário, técnico, informático e, principalmente, filosófico, é a alma da qual a cidadania é o corpo. Sem o conhecimento, cidadania é discurso vazio. Não se sustenta; não constrói uma sociedade democrática e não liberta o indivíduo.”

(Joana Neves)

O IMPACTO TECNOLÓGICO OCACIONADO PELO COVID-19 EM RELAÇÃO AO ENSINO REMOTO DA LÍNGUA INGLESA: UM REFLEXO SOCIAL E ECONÔMICO

THE TECHNOLOGICAL IMPACT CAUSED BY COVID-19 REGARDING TO REMOTE ENGLISH LANGUAGE TEACHING: A SOCIAL AND ECONOMIC REFLEX

Maria Gabrielle Araújo Silva¹

RESUMO

Desde o princípio da atual pandemia que perdura em todo o mundo, o COVID-19, ocorreu o fechamento das escolas e, em razão das aulas presenciais temporariamente suspensas, a única forma de ensinamento viável se tornou por intermédio das plataformas online. Todavia, aqui no Brasil a atual situação da educação devido ao método de ensino adotado pelas escolas, o ensino remoto, acabou não gerando os efeitos esperados na educação. Mesmo obtendo o alicerce das diretrizes de ensino que foram criadas para auxiliar os docentes durante as aulas, como as DCNs (2013), os PCNs (1998) e a BNCC (2018), o ensino remoto ainda se mostrou um imenso desafio para os profissionais da educação. Desse modo, ao realizar a pesquisa de cunho bibliográfico, o presente trabalho tem o intuito de retratar as dificuldades encontradas no ensino da língua inglesa pelos docentes na atualidade, tendo em vista a atual pandemia, ou seja, a falta da habitualidade do uso da tecnologia para fins de ensino; a ausência de qualificação do professor para a aplicação de abordagens e metodologias de ensino que sejam eficazes via online; a imensa carência de recursos tecnológicos para os discentes obterem acesso às aulas remotas, principalmente para os alunos de escolas públicas e como todos esses fatores acarretam a evasão escolar.

Palavras-Chave: Educação. Pandemia. Tecnologia. Metodologias de ensino. Aulas remotas.

¹ Graduanda em Letras Inglês pela Universidade Estadual da Paraíba, gabiwork7@gmail.com.

ABSTRACT

Since the beginning of the current pandemic that has persisted around the world, COVID-19, schools have been closed and, because of the presential classes temporarily suspended, the only viable form of teaching has become through online platforms. However, here in Brazil the current situation of education, since the teaching method adopted by schools, remote education, ended up not generating the expected effects on education. Even obtaining the foundation of the teaching guidelines that were created to assist teachers during classes, such as DCNs (2013), PCNs (1998) and BNCC (2018), remote education still proved to be an immense challenge for professionals of education. Thus, when conducting bibliographic research, the present work aims to portray the difficulties encountered in teaching English language by teachers today, in view of the current pandemic, that is, the lack of habitual use of technology for teaching purposes; the absence of teacher qualification for the application of teaching approaches and methodologies that are effective online; the immense fault of technological resources for students to have access to remote classes, especially for students in public schools and how all these factors lead to school dropout.

Keywords: Education. Pandemic. Technology. Teaching methodologies. Remote classes.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNCC	Base Nacional Curricular Comum
COVID	Coronavírus
DCN	Diretrizes Curriculares Nacionais
L2	Segunda língua
LE	Língua Estrangeira
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
PROINFO	Programa Nacional de Tecnologia Educacional

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	ENTRAVES NO ENSINO DA L2 DURANTE A PANDEMIA.....	11
2.1	As metodologias de ensino da língua inglesa.....	12
2.1.1	<i>As dificuldades encontradas nas aulas remotas devido ao COVID – 19.....</i>	18
2.1.2	<i>As sobressalentes consequências da desigualdade social no ensino remoto.....</i>	21
2.1.3	<i>O antagonismo da tecnologia na educação em tempos de pandemia.....</i>	23
3	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	25
	REFERÊNCIAS.....	26

1 INTRODUÇÃO

No começo de fevereiro deste ano (2020), chegou ao Brasil o vírus que geraria a pandemia enfrentada atualmente, o COVID-19, no qual o nível de contaminação ampliou-se rapidamente. Logo, tendo em consideração o alarmante nível de contágio do vírus e, visando a saúde pública, todas as redes de ensino presenciais foram fechadas.

Contudo, objetivando suprir as demandas da educação, criou-se a portaria 343, em março de 2020, publicada pelo Ministério da Educação, a qual “Dispõe sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais enquanto durar a situação de pandemia do Novo Coronavírus – COVID-19”. (TORRES; COSTA; ALVES, 2020, p. 3). Como resultado, ocasionou o fechamento das escolas e a incerteza da eficácia das aulas por intermédio da tecnologia.

Posto isto, o propósito deste trabalho é analisar as abordagens e metodologias no ensino da língua inglesa nas escolas do Brasil antes da atual pandemia do COVID-19 e, posteriormente, como os docentes fizeram a renovação desses ensinamentos levando em conta que o único meio de ensino viável se tornou o ensino online.

Ademais, também tem como finalidade apresentar a falta de prática do docente para lecionar por meios digitais, assim como, a ausência de qualificação dos profissionais da educação para o ensino remoto; a carência de aparelhos eletrônicos para os discentes obterem acesso às aulas e aos seus materiais de estudos e, principalmente, como todos esses aspectos promoveram a evasão escolar.

Para tal fim, foi realizada uma pesquisa de cunho bibliográfico qualitativa, de maneira que busca exemplificar e elucidar acerca dos motivos pelos quais a educação nas escolas do Brasil, perante a pandemia, não está conseguindo se habituar com o meio de ensino adotado, o ensino remoto. Sendo assim, ao operar uma amostragem não probabilística intencional, isto é, ao levantar dados por meio de pesquisas sobre o ensino e aprendizagem das escolas, docentes e discentes de todo o Brasil, em função do ensino remoto, relatar as privações desses sujeitos e instituições a respeito da educação nessa modalidade de ensino remoto.

Destarte, para o recolhimento de dados para essa pesquisa bibliográfica, foi levantado informações das Diretrizes curriculares Nacionais para o Ensino (2013), nos Parâmetros Curriculares Nacionais (1998) e na Base Nacional Comum Curricular (2018), no qual propõe-se erudir os docentes sobre os métodos e abordagens que irão obter uma melhor eficácia no ensino. Nada obstante, no que difere as dificuldades encontradas pelos docentes no ensino remoto foi levado em conta os estudos de Vieira e Ricci (2020), Torres; Costa e Alves (2020), Sanz; Gonzáles e Capilla (2020) e Filho *et al.*, (2020). Outrossim, para a situação socioeconômica dos discentes, das escolas do Brasil e, conseqüentemente, da crise enfrentada na educação, foram levantados os dados de acordo com Silva e Souza (2013), Montrezor e Silva (2009) e Linder (2020).

Para mais, intentando suprir os objetivos propostos pelo trabalho, o corpus da monografia foi estruturado da seguinte forma: Os entraves do ensino da L2 durante a pandemia; as metodologias de ensino da língua inglesa; as dificuldades encontradas nas aulas remotas devido ao COVID-19; as sobressalentes conseqüências da desigualdade social no ensino remoto e o antagonismo da tecnologia na educação em tempos de pandemia.

2 ENTRAVES NO ENSINO DA L2 DURANTE A PANDEMIA

O ensino de língua inglesa no Brasil acaba sendo rodeado por inúmeras dificuldades e questionamentos, de maneira que métodos utilizados pelos professores são ocasionalmente classificados como ultrapassados. Em virtude disso, acaba por não obterem o mesmo efeito que abordagens interacionais² de ensino; ou até mesmo a falta de incentivo para os discentes. Assim sendo, foram criadas diretrizes de ensino para instruir os profissionais da educação a fazer uso de mecanismos que possuam um maior êxito no ensinamento da língua estrangeira, mais especificamente, a língua inglesa.

Levando em conta as orientações teóricas para o aprendizado e, por conseguinte, uso pleno da língua inglesa, de acordo com o que se encontra em vigor nas Diretrizes curriculares Nacionais para o Ensino (DCNs), nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) e na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), a aplicação de temas transversais, assim como, dinâmicas e jogos entre os discentes, irão ocasionar a interação entre eles, ou seja, a utilização de mecanismos que abordam o social e o cultural dos falantes nativos ingleses, torna-se necessária para adquirir o conhecimento completo da língua, tanto oralmente quanto gramaticalmente.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998), os objetivos da disciplina de LE são apresentados com base no princípio da transversalidade, sugerindo uma abordagem sociointeracionista. Desse modo, considerando esse viés sociointeracionista apontado pelos PCNs, o docente, além de se debruçar sobre as quatro habilidades básicas do ensino de língua estrangeira (ler, escutar, escrever e falar), deve, não apenas buscar uma sistematização do idioma, mas criar uma atenção para o uso social da língua e seus desdobramentos culturais.

Entretanto, como será realizada a aplicação dessas metodologias de ensino consagradas se o ambiente escolar foi totalmente modificado, em decorrência da atual crise enfrentada em virtude da pandemia do COVID – 19?³

De que modo os docentes irão realizar a reiteração de seus mecanismos, quando até eles encontram dificuldades sobre o funcionamento do ensino das aulas remotas?

Com isso, tanto o ensino quanto a aprendizagem de língua inglesa se tornaram processos ainda mais complexos, tendo que enfrentar questões, como, professores que não estão habituados ou não tiveram formação para a docência via online; a necessidade de novos mecanismos de ensino que sejam tão efetivos quanto às abordagens sociointeracionais aplicadas nas salas de aulas presenciais; e a imensa falta de aparato tecnológico para a grande maioria dos estudantes, ou seja, uma vasta pluralidade de alunos que sequer conseguem ter acesso a algo que lhes é de direito, o acesso à educação.

Segundo Larissa Linder (2020), da revista Deutsche Welle, o Fundo Monetário Internacional (FMI) estima uma queda do Produto Interno Bruto (PIB) de 5,3%, enquanto a mais recente previsão do governo é de recuo de 4,7%. Esses números já

² Conforme Primo e Cassol, uma abordagem interacional se dá pelas relações sociais dos indivíduos e suas interações sociais, ou seja, toda a diversidade do meio cultural, as regras ou modelos imaginados de conduta presente na consciência das pessoas, afetando suas interações.

³ Segundo o Ministério da Saúde do Brasil, o COVID-19 é uma doença causada pelo corona vírus, denominado SARS-CoV-2, que apresenta um espectro clínico variando de infecções assintomáticas a quadros graves. De acordo com a Organização Mundial de Saúde, a maioria (cerca de 80%) dos pacientes com COVID-19 podem ser assintomáticos ou oligossintomáticos (poucos sintomas), e aproximadamente 20% dos casos detectados requer atendimento hospitalar por apresentarem dificuldade respiratória, dos quais aproximadamente 5% podem necessitar de suporte ventilatório.

representam a pior retração desde 1901, quando começou o levantamento mais confiável do indicador. Até hoje, o maior declínio foi de 4,35%, em 1990 e a recessão econômica que o Brasil tenta combater atualmente, reflete significativamente na situação enfrentada pela educação, ambas passam por sua maior crise. Afinal, quando a sociedade não vê a educação como algo para se priorizar e, por conseguinte, são os mesmos que fazem parte do poder econômico do país, ao enfrentar uma pandemia como essa, resulta apenas no iminente declínio e despreparado para situações desse porte.

Desse modo, deriva numa queda conjuntural, onde a sociedade é o núcleo de tudo e determinante das escolhas para o país. A sociedade designa o poder político; o poder político estabelece as prioridades do país e, em seguida, define onde melhor investir economicamente para a melhoria do país. Nesse caso, a educação não é uma de suas prioridades. A partir disso, o nosso intuito é salientar como os desafios encontrados na educação durante a pandemia do COVID-19 são espelhos do nosso meio social e econômico.

Portanto, a asserção do seguinte tópico dispõe do propósito de correlacionar as metodologias de ensino aplicadas nas aulas presenciais e a distinção de seus mecanismos de educação quando comparados com os procedimentos de ensino utilizados para as aulas remotas. Ademais, todos os outros impasses pertinentes que foram ocasionados, além de agravados, devido a atual pandemia do COVID - 19, como, por exemplo, a desigualdade social.

2.1 As metodologias de ensino da língua inglesa

Desde o princípio da educação formal, o método mais recorrentemente utilizado era aquele que hoje conhecemos como modelo tradicional de ensino, que se restringe ao ensino demasiado da gramática e utilização exagerada do quadro e livro didático. Todavia, por mais que seja um método ultrapassado de ensino, ainda há inúmeros docentes praticantes desse método. Segundo Mizukami (1986, p. 11), em sua elucidação sobre a aquisição do conhecimento por via do método tradicional, a atribuição dada aos estudantes é totalmente de forma passiva:

[...] atribui-se ao sujeito um papel irrelevante na elaboração e aquisição do conhecimento. Ao indivíduo que está “adquirindo” conhecimento compete memorizar definições, enunciados de leis, sínteses e resumos que lhe são oferecidos no processo de educação formal a partir de um esquema atomístico. (MIZUKAMI, 1986. p.11).

Nesse caso, o papel do estudante é de ouvinte inativo, apenas adquirindo conhecimento pré-pronto. Portanto, o discente finda por não ter voz ativa em nenhum momento das aulas e, por isso, seu único objetivo acaba sendo armazenar informações proferidas pelo professor e usá-las em momentos oportunos.

Desse modo, ao enaltecer e fazer uso constante de determinado mecanismo conceituado tradicionalmente, como se fosse eficaz para adquirir o conhecimento da língua estrangeira, a escola acaba por simplificar sua função a ensinar. Entretanto, como apontado por Bueno (2001), a escola não restringe sua função a ensinar, mas assume a responsabilidade de construir as relações sociais, além de ajudar na manutenção de seus posicionamentos perante a sociedade. De acordo com Pimenta e Lima, a formação do professor:

[...] se dará pela observação e tentativa de reprodução dessa prática modelar [...]. Essa perspectiva está ligada a uma concepção de professor que não valoriza sua formação docente apenas a um fazer que será bem sucedido quanto mais se aproximar dos modelos observados. Por isso, gera o conformismo, é conservadora em hábitos, ideias, valores, comportamentos pessoais e sociais legitimados pela cultura institucional dominante. (PIMENTA e LIMA, 2005/2006, p. 36).

Dessa maneira, torna-se evidente a falta de incitação do docente para renovar seus procedimentos de ensino, assim como os objetos utilizados em sala de aula, permanecendo recluso ao uso exagerado do livro didático e lousa. Por conseguinte, acaba abordando assuntos de forma exacerbada, como, por exemplo, o ensino excedido da gramática. Segundo Antunes (2008), a língua materna:

[...] vai sendo incorporada ao conhecimento intuitivo, pelo simples fato de a pessoa estar exposta à convivência com os outros, a atividades sociais de uso da língua, das conversas familiares às atuações mais tensas e formais. Ou seja, essa gramática está inerentemente ligada à exposição da pessoa aos usos da língua. A escola virá depois; para *ampliar*. (ANTUNES, 2008, p. 29).

Em outros termos, quanto mais o estudante obtiver contato com os nativos ou falantes da L2, a probabilidade de construir o uso da LE fora do âmbito acadêmico, para então aplicá-lo na escola, será ainda maior. Porém, não é o caso das escolas públicas ou das instituições de ensino em que o público-alvo são pessoas menos favorecidas economicamente, e que não possuem acesso para ampliar determinados saberes da L2 fora do âmbito escolar, visto que raras as exceções em que um aluno de escola de ensino público possui a oportunidade de melhor desenvolver seus conhecimentos sobre a língua inglesa.

Conforme Malvezzi (2013), há ainda um outro tipo de instituição de ensino, as escolas de idiomas, que por oferecerem dedicação exclusiva ao idioma, apresentam melhores resultados e, conseqüentemente, alunos com uma maior desenvoltura para o L2, o que pode tornar os alunos com menos condições financeiras desestimulados pela disciplina escolar, por acreditarem que não será suficiente em comparação a essas escolas privadas.

Na citação abaixo, essa comparação entre ambas as instituições se dá porque:

[...] há falta de clareza sobre o fato de que os objetivos do ensino de idiomas em escola regular são diferentes dos objetivos dos cursos de idiomas. Trata-se de instituições com finalidades diferenciadas. Observa-se a citada falta de clareza quando a escola regular tende a concentrar-se no ensino apenas linguístico ou instrumental da Língua Estrangeira (desconsiderando outros objetivos, como os educacionais e os culturais). Esse foco retrata uma concepção de educação que concentra mais reforços na disciplina/conteúdo que propõe ensinar (no caso, um idioma, como se esse pudesse ser aprendido isoladamente de seus valores sociais, culturais, políticos e ideológicos) do que nos aprendizes e na formação desses. A concentração em tais objetivos pode gerar indefinições (e comparações) sobre o que caracteriza o aprendizado dessa disciplina no currículo escolar e sobre a justificativa desse no referido contexto. (BRASIL, 2006, p. 90).

Dessarte, o fator predominante para as escolas de idiomas possuírem um maior êxito com alunos falantes da LE se dá não apenas por estarem reclusos ao ensino excessivo da L2, e sim, por causa das suas metodologias de ensino, mas,

principalmente, por abordarem o cultural e social da L2, não se mantendo presos ao ensino excessivo da linguística como acontece nas escolas regulares.

Dessa forma, é de suma importância que os docentes elaborem seus planos de aula visando a interação dos alunos e, além disso, discorrer sobre o meio social e cultural em que os estudantes convivem e relacionar com os dos falantes nativos da L2. Então, além da compreensão da própria realidade em que está empregado, irá obter também o conhecimento dessas diversidades da LE. De acordo com Menegola, “Uma das etapas principais do processo de planejamento é a definição e seleção dos melhores objetivos.” (2014, p. 18). À vista disso, quando o docente já sabe o que deseja alcançar e acionar nos discentes, como, por exemplo, o senso analítico, seu plano de aula alcançará um êxito maior.

Tendo em vista que o uso excessivo da gramática no ensino da L2 é o princípio da abordagem tradicional de ensino, mas o uso exclusivo da gramática para esse ensinamento não possui a eficácia desejada, cabe ao docente empregar o uso de uma abordagem sociointeracional ao fazer uso da gramática, como, por exemplo, na utilização de gêneros textuais.

Portanto, se o professor já está tão habituado na utilização de gêneros textuais em suas aulas, ao menos faça o uso dessas obras em questões de forma discursiva entre os discentes, como, por exemplo, cita Cristovão *et al.* (2010), em seu artigo sobre planejamento de ensino de língua inglesa em torno de gêneros textuais, ao declararem que os gêneros textuais precisam ser usados em sala de aula como ferramentas de ensino que acabam por ter um objetivo para além do gramatical, mas também que acionem o senso crítico dos discentes, quer dizer, causar a amplificação da capacidade de linguagem dos alunos, isto significa, fazer com que os estudantes adquiram a competência discursiva⁴, capacidade de ação⁵ e a habilidade linguístico-discursiva⁶.

Desse modo, o uso demasiado da gramática pelo docente para lecionar, largará de ser visto apenas como o absorvimento de regras gramaticais, mas vai a ser um mecanismo de ensino que irá acionar outros reagentes nos discentes, em outros termos, o ato de interatividade a partir da leitura. Em concordância com Cristovão (2001), que adota o conceito de leitura como ação da linguagem. Posto isto, quando o aluno faz a leitura de determinado texto em que o contexto sócio-histórico do conteúdo textual remete a conjuntura em que o leitor está inserido atualmente, assim dizendo, o indivíduo acaba relacionando ambas as realidades, fazendo com que não só as duas realidades interajam entre si, mas também o próprio sujeito.

Além dessa questão, também é fundamental analisar as metodologias a serem utilizadas de acordo com os objetivos traçados pelo docente, cabendo a ele repensar

⁴ Cristovão define a competência discursiva como conhecimentos relacionados à organização do conteúdo em um texto e sua forma de apresentação. Podendo ser desenvolvida por meio de atividades, como, por exemplo, entender a função da organização do conteúdo naquele texto; perceber a diferença entre formas de organização diversas.

⁵ Cristovão esclarece o conceito de capacidade de ação como conhecimentos relacionados ao contexto de produção que contribuem para o reconhecimento do gênero, adequação ao contexto e mobilização dos conteúdos. Podendo ser desenvolvida por meio de atividades, como, por exemplo, realizar inferências sobre: quem escreve o texto, para quem ele é dirigido, o assunto, quando o texto foi produzido, onde foi produzido, para que objetivo; compreender a relação entre textos e a forma de ser, pensar, agir e sentir de quem os produz.

⁶ Cristovão elucida a habilidade linguístico-discursiva como conhecimentos relacionados ao domínio das operações de linguagem (coesão e coerência, por exemplo). Pode ser desenvolvida por meio de atividades que levem o aluno a: Compreender e produzir unidades linguísticas adequadas à sintaxe, morfologia, fonética, fonologia e semântica da língua; identificar a relação entre os enunciados, as frases e os parágrafos de um texto, entre outras muitas operações que poderiam ser citadas.

as abordagens empregadas e ver quais mecanismos de ensino serão mais eficazes, e não apenas planejar o que será mais descomplicado para o próprio. Já que, segundo Malvezzi (2013), a responsabilidade pela escolha de uma metodologia adequada para os alunos recai, principalmente, sobre o professor.

Por isso, existem inúmeros fatores que o docente precisa analisar antes de ministrar a aula, desde as metodologias aplicadas, até as abordagens empregadas, tendo em vista que “[...] as reflexões sobre o ensino de LE passaram a enfatizar, além do conteúdo programático, o modo de ensinar e a importância de um ensino sociointeracionista.” (MALVEZZI, 2013, p. 16288). À vista disso, deve-se estabelecer aos estudantes para atuarem de forma pensante, visando uma reflexão sobre o tema abordado, de maneira que o impacto da inflexão nos discentes afete seus aspectos referente a suas atuações na aula, passando assim, a operarem de forma mais ativa, conforme podemos ver na citação abaixo:

Exercitar a curiosidade intelectual e recorrer à abordagem própria das ciências, incluindo a investigação, a reflexão, a análise crítica, a imaginação e a criatividade, para investigar causas, elaborar e testar hipóteses, formular e resolver problemas e criar soluções (inclusive tecnológicas) com base nos conhecimentos das diferentes áreas. (BRASIL, 2018, p. 9).

Com isso, a BNCC busca elucidar acerca do ensino da L2 para além da gramática, mostrando a necessidade de uma dinâmica e, conseqüentemente, interativa. Então, além de ensinar o conteúdo, é fundamental a implicação da reflexão e indagação sobre o assunto, por parte dos alunos. Para que assim, a aula não se torne monótona e, conseqüentemente, os estudantes sempre estejam dispostos a participar das atividades propostas pelo professor.

Para atingir esse objetivo, é sempre necessário a fiscalização dos métodos utilizados, nesse caso, a atualização constante das práticas de ensino para que as aulas não se tornem algo repetitivo e monótono. Ademais, aulas que instiguem a participação do discente para a aprendizagem da língua inglesa, e assim, não causar uma desmotivação perante o conformismo adotado pelo docente.

Deve se considerar que não há um método que seja mais operativo que os demais, e sim, procedimentos que possuem uma eficácia diferenciada que varia de aluno para aluno, não havendo um mecanismo de ensino perfeito, mas inúmeros métodos que acabam obtendo um resultado positivo dependendo de qual procedimento os estudantes se adequam melhor. Como explica os PCNs, na citação abaixo:

Em vez de se acatar imposições feitas por diferentes métodos, pensa-se mais em termos de uma variedade de opções pedagógicas derivadas de concepções teóricas específicas da linguagem e da aprendizagem de línguas, além de se considerar sempre as práticas didáticas derivadas do conhecimento acumulado em relação ao ensino e aprendizagem de Língua Estrangeira. (BRASIL, 1998, p. 76).

Como citado pelos PCNs, existe um amplo leque de alternativas para o ensino pedagógico da LE, mas para a aquisição plena da L2, também se faz necessário o ensino do cultural e social dos falantes nativos da língua. E, no que condiz à escola, esse ensinamento acaba obtendo um papel extremamente significativo. Para as DCN, “[...] a escola deverá propiciar aos alunos condições para transitarem em outras culturas, para que transcendam seu universo local e se tornem aptos a participar de diferentes esferas da vida social, econômica e política.” (BRASIL, 2013, p. 107), já que

é de suma importância conhecer o contexto ao qual os falantes nativos da LE estão inseridos, para evitar uma concepção falha do emprego da língua, onde só se sustenta o gramatical.

Posto isto, é recorrente a tentativa de suprir a ampla lacuna para que o ensino da LE não se resuma ao ensino gramatical, mas também que ocorra a interação dos alunos entre si sobre o assunto abordado, além de um diálogo entre aluno/professor. Desse modo, ao analisar a conjuntura na qual a língua inglesa está empregada e fazer a junção dessas duas esferas, se faz possível a compreensão e uso da língua, sendo “[...] importante que o aluno e professor tenham consciência de que para se aprender uma nova língua, é necessária a compreensão de alguns aspectos sociais e culturais dos falantes nativos desta”. (MONTREZOR, SILVA, 2009, p. 28). Dessarte, ao realizar a junção entre a gramática, o social e o cultural da língua dos falantes nativos, obterá de forma completa o aprendizado da L2.

Levando em consideração que a escola não restringe seu papel a ensinar, e sim, é um ambiente para fazer os discentes operarem de forma ativa não só no contexto acadêmico, mas também no cenário social, para que isso ocorra, o emprego da abordagem sociointeracionista finda por ser de suma importância. De acordo com Araujo e Carvalho:

Na perspectiva sociointeracionista o processo de ensino é expandido de modo a incorporar as relações socioculturais, podendo garantir um arsenal teórico que favoreça pensar um modelo educacional mais coerente com as exigências da sociedade, não apenas em termos de realização profissional, mas também em termos de realização pessoal. Desse modo, favorece a problematização das condições existenciais dos indivíduos, levantando situações-problema que possam ser trabalhadas no contexto pedagógico a fim de contribuir, de alguma forma, para a transformação do meio social, assim como favorecer a constituição do próprio sujeito. Nisso se concretiza a dinamicidade de um processo educativo “vivo” que age articulando a reflexão prática-teoria-prática, numa espiral, ora se aproximando, ora se distanciando da realidade concreta no sentido de melhor compreendê-la e melhor atuar sobre ela. (ARAUJO e CARVALHO, 2011, p. 183).

Levando em conta o que foi citado acima, conclui-se que o ensino sociointeracional é de suma importância para a composição e desenvolvimento de um discente, fazendo com que o mesmo passe a se questionar durante as aulas sobre o assunto abordado, ou seja, questionar irá acionar seu senso crítico nas aulas e também transportar essa conduta analítica para além da esfera escolar. Logo, ao executar abordagens para além do gramatical, assim dizendo, abordando também o cultural e o social, o docente irá acionar o senso crítico dos discentes não só durante as aulas, mas em seu convívio em sociedade. Portanto, a maneira como o indivíduo aprende e atua na escola, é a forma como ele irá se portar, se impor e agir perante a sociedade.

Ademais, vale salientar que o ensino da gramática ainda é uma temática extremamente relevante para a aquisição da L2. O que não pode existir, mas até então está presente no âmbito escolar, é o docente recluso ao ensinamento da gramática. Entretanto, ao fazer a junção de ambos (o ensino da gramática adjunto de temas transversais), efetivando essa prática de ensino, irá acarretar uma boa desenvoltura dos estudantes no que diz respeito a aprendizagem da LE.

Ainda sobre o ensinamento de regras gramaticais, de acordo com a BNCC, “O eixo Conhecimentos linguísticos consolida-se pelas práticas de uso, análise e reflexão sobre a língua, sempre de modo contextualizado, articulado e a serviço das práticas

de oralidade, leitura e escrita.” (BRASIL, 2018, p. 245). Por isso, a execução de práticas gramaticais durante o aprendizado da língua inglesa acaba sendo um procedimento necessário para o uso da língua. Porém, não é o único, já que temas transversais findam por ter o mesmo valor na aquisição da língua. Contudo, o fator primordial para causar o estímulo nos discentes para participar de maneira ativa das aulas, é a forma como esses conteúdos vão ser abordados.

Essas falhas perante a execução das aulas são retratadas nos PCNs, como podemos ver na citação abaixo:

Sabe-se que, na aprendizagem de uma língua estrangeira, fatores como quantidade, intensidade e continuidade de exposição à língua são determinantes no nível de competência desenvolvido e na rapidez com que as metas podem ser atingidas. A administração e a organização do ensino de Língua Estrangeira, no entanto, são inadequadas em relação àqueles aspectos. (BRASIL, 1998, p. 66).

Por esse motivo, visando o que foi dito na citação acima pelos PCNs, para suprir as demandas impostas para a aquisição plena da língua, finda por ser fundamental a constante revisão dos métodos utilizados. Além da observação de determinada prática, verificando se está surtindo o efeito desejado em todos os estudantes. Entretanto, como foi exemplificado acima, esses aspectos não são monitorados pelo docente, o que acaba gerando uma desmotivação por parte dos estudantes no que difere o aprendizado da LE, porque o mais comum são professores que se retém presos a ensinamentos de normas gramaticais, por acreditar ser o método mais eficiente para obter a aprendizagem da língua inglesa. “[...] só acreditam que estão estudando a língua se a disciplina gramática estiver no começo, meio e no fim de todos os programas de estudo”. (ANTUNES, 2008, p. 32). Dessarte, preserva a ideia tradicional de que só é possível adquirir o uso pleno da L2 por intermédio da gramática.

Diante disso, a aplicação de uma abordagem sociointeracionista finda por ser de suma importância para o discernimento dos discentes, acerca das múltiplas concepções de cultura. Nesse caso, faz com que acrescentem da mesma forma, a elaboração de um senso crítico durante sua construção de saberes.

De acordo com Tilio (apud. COPE; KALANTZIS, 2000):

O conhecimento da língua extrapola as habilidades, muitas vezes mecanicistas, de ler, escrever, falar e escutar. O conhecimento da língua envolve capacidades de letramentos, entendidos como modos culturais de construir significados: ver, descrever, explicar, entender e pensar.

À vista disso, acabam obtendo o conhecimento de culturas distintas existentes na sociedade e, conseqüentemente, desenvolvem um pensamento analítico sobre o assunto. Nesse sentido, a escola e o docente não terão seus papéis limitados apenas a ensinar, e sim, os transformam em condutores para a formação de discentes que passem a ser seres críticos perante a sociedade.

2.1.1 As dificuldades encontradas nas aulas remotas devido ao COVID - 19

É evidente as tribulações encontradas pelos profissionais da educação para implementar métodos que venham a ser eficazes com os estudantes e, por

consequente, que gere um diálogo entre eles sobre o tema abordado, e assim, a absorção do tema proposto. Entretanto, as adversidades encontradas pelos docentes se tornaram ainda mais abrangentes, já que as aulas presenciais foram trocadas em tempo indeterminado pelas aulas remotas.

O uso da tecnologia nas salas de aula para ampliar o acesso à informação da cultura de determinado idioma, nesse caso, o inglês, acaba sendo um meio de ensino já utilizado no ambiente acadêmico antes mesmo da pandemia, como, por exemplo, em escolas do ensino médio no extremo sul de Santa Catarina, ao utilizarem tablets como ferramentas para auxiliar no ensino presencial. Porém, com a chegada do COVID-19, essas ferramentas tecnológicas que antes eram utilizadas apenas como uma assistência no ensino presencial, acabaram tendo que suprir toda a demanda da educação no ensino remoto.

Em função do hibridismo que vivencia a educação atualmente, sendo os métodos de ensino integralmente diferentes do usual e seus procedimentos tornaram-se divergentes, acaba fazendo uso não só da linguagem verbal, e sim, de todo um contexto visual, algo que o discente já está acostumado, mas não no meio acadêmico. Conforme as DCNs:

A exposição das crianças e adolescentes de praticamente todas as classes sociais no Brasil à mídia e, em particular, à televisão durante várias horas diárias tem, por sua vez, contribuído para o desenvolvimento de formas de expressão entre os alunos que são menos precisas e mais atreladas ao universo das imagens, o que torna mais difícil o trabalho com a linguagem escrita, de caráter mais argumentativo, no qual se baseia a cultura da escola. (BRASIL, 2013, p. 110, 111).

O que foi expresso pelas DCNs, significa que quando discentes veem a imagem e o que foi proferido pelo falante nativo, passam a interligar um ao outro, isto é, ao ver a imagem, o aluno irá instantaneamente associar a palavra, passando assim a obter o conhecimento de alguns aspectos gramaticais, culturais e sociais da LE. Desta forma, o professor pode explorar ainda mais campos de ensino que não são tão valorizados nas aulas presenciais, como, por exemplo, montar aulas voltadas apenas para o cenário visual das aulas remotas, atuando em áreas da docência que não necessite do gramatical, mas que obtenha o mesmo objetivo, causar uma reflexão e interação entre os discentes. Conquanto, na maioria dos casos, principalmente na rede pública, metodologias empregando o visual não era possível nem mesmo antes da pandemia, em decorrência da falta de material e verba para realizar esses procedimentos.

Lamentavelmente, a precariedade em que algumas escolas do Brasil se encontram, principalmente nas áreas de rentabilidade mais baixas, como, por exemplo, nas favelas e interiores dos municípios brasileiros, vai para além da falta de materiais para as aulas, mas se estende até para serviços básicos. De acordo com Silva e Souza (apud. MELO; SOARES; CAMPÊLO, 2011):

[...] no Brasil, somente 48% das escolas municipais dispunham de abastecimento de água e 24%, de esgoto sanitário. Nas escolas estaduais, a situação era um pouco melhor, mas ainda inadequada. Quase 80% das instituições escolares estaduais tinham abastecimento de água e 40% eram atendidas por esgoto sanitário. Em relação à coleta periódica de lixo, 50% das escolas municipais contavam com esse serviço, enquanto na rede estadual esse índice era de 82%. Cerca de 30% das escolas municipais e 10% das escolas estaduais ainda não tinham acesso à energia elétrica.

Em razão disso, como citado acima, se algumas escolas públicas do Brasil, especialmente as que se encontram em áreas onde a situação socioeconômica dos discentes é desfavorável, não têm acesso nem mesmo ao saneamento e serviços básicos, conseqüentemente, menos ainda obterão a aquisição de materiais eletrônicos para fazer uso de metodologias que necessitam do audiovisual ou deles separadamente. Com isso, os docentes acabam não obtendo o hábito e nem a capacidade de mexer nessas ferramentas tecnológicas como mediadores para auxiliares do ensino. E, como resultado, ao encarar uma pandemia onde a única forma viável de ensino se tornou por intermédio das aulas remotas, ou seja, através do uso exclusivo da tecnologia, o cenário encontrado é de total despreparo e falta de aptidão dos professores para ministrarem suas aulas.

Nada obstante, no decorrer dos últimos anos, algumas escolas, como, por exemplo, do extremo sul de Santa Catarina do Brasil, fizeram o uso da tecnologia como forma de incrementar tanto o conhecimento dos discentes quanto do professor, no que difere suas práticas de ensino, acabando por ser um mecanismo deveras utilizado pelos profissionais da educação. Além disso, retira o docente do uso habitual de abordagens que geram o conformismo, como o método tradicional. No entanto, na atual conjuntura, é necessário que os meios tecnológicos supram todas as demandas ofertadas pela escola. Nesse caso, os profissionais devem atuar de forma íntegra, virtualmente, passando a ensinar apenas por intermédio de aplicativos, como, por exemplo, pelo *Google Classroom*⁷ e *Meet Me*⁸.

Todavia, o cenário encontrado no Brasil devido a isso, é calamitoso. Segundo um levantamento realizado pelo Instituto Península, onde avaliaram as respostas de 7.734 mil professores ao redor de todo o Brasil, entre os dias 13 e 14 de abril de 2020, revelou que cerca de 83% ainda não se sentem preparados para o ensino nesta modalidade (o ensino remoto), já 88% dos entrevistados nunca tinham dado aula remota antes. De acordo com o jornal The World Bank (2020):

A necessidade de formação tecnológica dos educadores vem ao encontro da evidência brasileira de que, mesmo em estados mais ricos, escolas têm acesso à internet, mas os professores possuem pouca familiaridade com o uso da internet em sala de aula. (THE WORLD BANK, 2020, p. 2).

Dessa forma, por mais que alguns docentes fizessem uso dos meios tecnológicos em seus ensinamentos, ainda assim era um número mínimo de professores e, de qualquer forma, era utilizado apenas para suplementar a abordagem e mecanismo de ensino do docente, mas não manuseando em sua totalidade nas aulas. À vista disso, é uma missão complexa ter que suprir toda a demanda escolar por intermédio de aparelhos eletrônicos, ainda mais para os professores, em sua grande maioria, que não estão familiarizados com esse meio de ensino.

Ademais, os docentes foram forçados a realizar a renovação de todos os seus mecanismos de ensino, assim como, o planejamento de suas aulas. Visto que o ambiente no qual o professor está lecionando foi modificado, as metodologias aplicadas, os instrumentos operados e a programação de suas aulas também deverão se transmutar. De acordo com Menegola (2014):

⁷ O Google Classroom é a sala de aula online do Google, em que alunos e professores podem realizar encontros virtuais para a realização de aulas à distância.

⁸ Google Meet é um serviço de comunicação por vídeo desenvolvido pelo Google. É um dos serviços que substituem a versão anterior do Google Hangouts, o outro é o Google Chat.

O ato de planejar requer habilidade para prever uma ação que se realizará posteriormente, por isso exige uma acertada e racional previsão de todos os meios e recursos necessários nas diferentes etapas do planejamento, do seu desenvolvimento e da sua efetiva execução, para alcançar os objetivos desejados. (MENEGOLA, 2014, p. 17).

Porém, os docentes estão em uma situação em que não se viam antes mesmo da graduação, o total despreparo para planejar as aulas, o questionamento da eficiência de suas metodologias e até mesmo as abordagens a serem empregadas.

Por conseguinte, o professor acaba sendo alvo de incontáveis críticas da sociedade perante a sua eficiência no ensino em tempos de pandemia, mas foi o conjunto de todo esse corpo social, adjunto dos governantes, que a princípio não viam a educação como algo primordial (infelizmente ainda é uma realidade) e, como efeito, não foi investido o necessário no meio educacional e na capacitação desses profissionais para enfrentar situações emergenciais como esta, acabou resultando nessa realidade. Em concordância com Silva (2010), perante esse cenário:

O sentimento de impotência [...] manifesta-se em muitos profissionais da educação, associado ao sentimento de perda da autonomia em decorrência da divulgação sistemática dos baixos resultados obtidos na maioria das escolas públicas do país, os quais denunciariam a baixa qualidade de sua formação e do trabalho realizado. (SILVA, 2010, p. 424).

Segundo Paisini, Carvalho e Almeida (2020), a modalidade educacional do ensino remoto ocorre quando a mediação didático-pedagógica nos processos de ensino e aprendizagem se faz com a utilização de meios tecnológicos e de comunicação, com pessoal qualificado, também com acompanhamento e avaliações compatíveis e que contribuam para alunos que estejam em lugares distintos e tempos diversos. Contudo, a realidade é que não há profissionais da educação que sejam aptos para o ensino remoto, apenas capacitados para a educação presencial, mas que estão tendo que se submeter a esse tipo de procedimento sem nenhum preparo prévio e adequado.

Além da falta de qualificação para ministrar as aulas remotas, ainda existe um outro impasse para a obtenção do êxito desse ensino, as próprias aulas remotas. Posto que, um ensino completamente a distância, não deterá a mesma eficácia que o ensino presencial. De acordo com Filho *et al.*, pesquisas recentes:

[...] evidenciam que o ensino totalmente a distância não é uma alternativa equivalente ao presencial (ainda que possa cumprir papel relevante durante o fechamento das escolas), especialmente quando aplicado em escala na Educação Básica. [...] (Filho *et al.*, 2020, p. 15).

Outrossim, com o intuito de suprir a demanda das aulas presenciais, há algumas particularidades a serem adquiridas pelos docentes que venham a integrar o ensino remoto, com o objetivo de perfazer determinados processos de ensino, como, por exemplo, docentes com aptidão para empregar seus mecanismo de ensino virtualmente com o mesmo êxito e facilidade que conseguem aplicar presencialmente, causando um interesse dos discentes em não só assistir a aula, mas também incitar a interação durante a aula ministrada.

Em resumo, se as atividades formativas online estão bem ajustadas, a metodologia e os conteúdos forem adequados e o professor tiver a formação adequada, os resultados não têm de diferir da educação presencial. Se não

for o caso, a curva anterior pode ampliar-se e aumentar o diferencial de conhecimentos. (SANZ; GONZÁLES; CAPILLA, 2020, p. 12).

Levando em consideração a citação acima, a realidade encontrada na educação do Brasil, é vista no pior cenário possível. Carga horária das aulas reduzida, profissionais da educação despreparados para obter o mesmo desempenho que alcançavam quando ministravam suas aulas presencialmente e, conseqüentemente, discentes com um baixo desempenho acadêmico. Entretanto, existem inúmeros outros fatores que acabam acarretando o mal desempenho dos estudantes e até mesmo a falta de acesso a esse material escolar.

2.1.2 As sobressalentes conseqüências da desigualdade social no ensino remoto

A desigualdade social no Brasil já é algo discutido por um período demasiadamente longo, mas acentuou-se ainda mais após a pandemia e, conseqüentemente, quando as aulas por intermédio digital entraram em vigor. Tendo isso em vista, o que predominou no ensino e aprendizado foi a defasagem tanto do aluno quanto do professor.

Em casa, sobretudo para os estudantes que não tem uma rentabilidade adequada para se adaptarem ao ensino remoto, o número de estudantes que não possuem acesso à internet e acabam por não conseguirem ingressar no meio escolar virtual é extremamente elevado.

Sendo assim, existem inúmeros estudantes, principalmente da rede pública de ensino, que não estão obtendo o acesso à educação, seja de nível básico ou superior de ensino. Isso acontece porque a escola em que o aluno estuda, reflete diretamente nas condições socioeconômicas dos discentes. Então, se inúmeras escolas do Brasil não disponibilizam sequer de uma infraestrutura adequada e nem mesmo de serviços fundamentais para a estadia dos alunos no local, como resultado perante a pandemia, os discentes com uma realidade desse porte, não iram conseguir obter acesso diário a equipamentos tecnológicos, a internet e ao seu material escolar. Para exemplificar melhor, Silva e Souza (2013), retratam essa realidade na citação abaixo:

Dados do Censo Escolar 2010, realizado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais – Inep –, revelam as condições precárias de funcionamento de parte das escolas públicas e, ainda, uma diferença significativa da situação das escolas das diferentes regiões do país. Para várias instituições escolares, os maiores problemas estão relacionados à falta de serviços básicos, como acesso à energia elétrica, abastecimento de água tratada, existência de esgoto sanitário e coleta periódica do lixo. A falta desses serviços indica as condições precárias das localidades onde a escola se situa, contribuindo para a identificação do perfil socioeconômico e cultural dos alunos. (SILVA e SOUZA, 2013 p. 778 a 779).

Por esse motivo, a continuação das aulas por meio das plataformas digitais, visando inteirar os requerimentos da educação durante a pandemia, não está surtindo o efeito apresentado pelas autoridades governamentais. Visto que nem mesmo as escolas possuem o básico para se manterem atuantes, torna-se inviável para os estudantes, principalmente os da rede pública, uma vez que possuem bem menos rentabilidade, possuírem a demanda e materiais necessários para darem

prosseguimento a seus estudos. Em função disso, ocorre o imprescindível, a evasão escolar.

Contudo, ainda há algumas redes de ensino superior, em sua grande maioria da rede pública, que tem consciência da realidade a qual o estudante está empregado. Então, visando não prejudicar os discentes academicamente e, conseqüentemente, seu futuro desempenho profissionalmente, preferiram optar por não adotarem o mecanismo de ensino remoto, “60% das universidades públicas rejeitaram a recomendação de aulas online, fato que é claramente justificado pelo conhecimento da limitação de acesso vivenciada pela população em questão”. (TORRES; COSTA; ALVES, 2020, p. 5).

Nada obstante, algumas instituições de ensino superior não seguiram a mesma linha e adotaram o mecanismo de ensino das aulas remotas. No entanto, dada as circunstâncias de vulnerabilidade de vários estudantes universitários, em sua pluralidade da rede pública, a negligência em relação à aprendizagem desses estudantes que não possuem acesso às aulas remotas e materiais didáticos, perfaz por gerar uma possível exclusão social.

A maioria das escolas de nível básico e médio do Brasil, públicas e particulares, adotaram o método de ensino online. Entretanto, há diversos fatores que fazem o ensino remoto ser um desafio ainda maior do que o esperado, como, por exemplo, a junção dos efeitos psicológicos provocados devido ao isolamento social causado pelo covid-19, adjunto da pressão sofrida pelos discentes ao realizar suas atividades acadêmicas. “Estudos sobre os efeitos psicológicos de períodos de quarentena durante epidemias apontam que o estresse gerado pelo distanciamento social é bastante significativo e pode gerar impactos emocionais aos profissionais da Educação e aos alunos. (Filho *et al.*, 2020, p. 7). Desse modo, é de suma importância que tanto os docentes quanto os discentes, obtenham ajuda psicológica para saber lidar da melhor forma possível com determinadas situações, seja no âmbito acadêmico ou até mesmo com o ciclo social ao qual tem que conviver perante o isolamento social.

Além disso, para dar mais sustentação ao que acabou de ser dito, os Parâmetros Curriculares Nacionais afirmam:

[...] além das capacidades cognitivas, éticas, estéticas, motoras e de inserção e atuação social, devem também ser levadas em conta as afetivas. É preciso lembrar que a aprendizagem de uma língua estrangeira é uma atividade emocional e não apenas intelectual. O aluno é um ser cognitivo, afetivo, emotivo e criativo”. (BRASIL, 1998, p. 66).

Não obstante, há fatores que implicam ainda mais em prejudicar os estudantes diante do desafio que está sendo as aulas remotas, como exemplifica Sanz; Gonzáles e Capilla (2020), ao citarem a:

[...] situação econômica e laboral nas famílias mais afetadas por esta crise de saúde pública também tem reflexos na capacidade de estudo e de concentração. Situações econômicas difíceis e o stress dos pais afetam negativamente o desempenho e o rendimento escolar dos estudantes. [...]. (SANZ; GONZÁLEZ e CAPILLA, 2020, p. 17 e 18).

Nesse caso, mais do que nunca o fator econômico está tendo um forte impacto na educação. Estudantes de baixa renda, na grande maioria das vezes, não possuem acesso à internet e também a aparelhos eletrônicos, em decorrência disso, findam por não conseguirem sequer obter a aquisição do material escolar, algo que vos é de

direito. Diante disso, vários alunos se mantiveram estagnados no quesito educação escolar, nesse caso, o ensino online.

Entretanto, até mesmo os discentes que dispõem de internet em suas residências, acabam apresentando numerosas tribulações na hora da resolução de suas atividades acadêmicas. Todavia, isso acontece devido a falta de apoio e suporte dentro da própria residência, tendo em vista que a grande pluralidade dos estudantes da rede pública são baixa renda, na maioria dos casos os pais desses alunos não possuem um nível acadêmico avançado, muito menos de nível superior. Sendo assim, terminam por estarem incapacitados para auxiliar seus filhos na hora da resolução de suas atividades.

Em decorrência desses fatores, Filho *et al.*, afirma que:

[...] há registros de redução de até 20% nas taxas de matrículas dos alunos e de diminuições de mais de 20 pontos percentuais nas chances de conclusão dos estudos. Em casos específicos de pandemia, estudos também mostram redução significativa da frequência escolar e aumento nas taxas de evasão dos alunos. (FILHO *et al.*, 2020, p. 10).

Sendo assim, levando em conta a falta capacitação dos docentes para ministrar as aulas pelas plataformas digitais, sabendo que os mesmos só foram preparados para o ensino presencial; a carência de acessibilidade a aparelhos eletrônicos para que os estudantes possam assistir às aulas remotas; a ausência da figura dos pais para auxiliá-los em seus deveres acadêmicos, justamente por não obterem o conhecimento para tal ato; adjunto da existência de outros fatores para que isso ocorra, como, por exemplo, o isolamento social devido ao covid - 19 e, por consequência, a ausência de todo o contexto escolar, onde era possível ter uma interação com pessoas distintas, seja durante as aulas ou em seus intervalos. Portanto, em função de todas as mudanças que ocorreram no âmbito social e educacional dos discentes, acaba por existir apenas um resultado iminente, a evasão escolar dos estudantes.

2.1.3 O antagonismo da tecnologia na educação em tempos de pandemia

Desde o começo das aulas remotas, a tecnologia se tornou um grande vilão para todos os profissionais da educação, assim como, aos estudantes que a estão utilizando para fins acadêmicos. Porém, por qual motivo se determina esse antagonismo da tecnologia?

Segundo a PROINFO, o uso de tablets no ensino público é um programa de formação voltada para o uso didático-pedagógico das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) no cotidiano escolar, articulado à distribuição dos equipamentos tecnológicos nas escolas e à oferta de conteúdos e recursos multimídia e digitais. Nesta perspectiva, antes mesmo da atual pandemia, já havia projetos ativos para a implementação de aparelhos eletrônicos no âmbito escolar, algo que já se encontrava ativo em muitas escolas da rede pública.

Contudo, a efetivação dessas práticas de ensino via dispositivos eletrônicos, não era feita de maneira íntegra, mas eram usadas apenas para colaborar com o ensino presencial, para fazer com que o docente saísse da mesmice do uso exacerbado do quadro e livro didático, fazendo com que operasse de maneira mais dinâmica. “[...] o letramento em cultura digital, poder-se-á cessar com tranquilidade e segurança o combate às tecnologias, adotando os recursos digitais como auxiliares da aprendizagem. [...]” (VIEIRA, RICCI, 2020, p.5). No entanto, os professores não

estavam capacitados para as mudanças drásticas de ensino sofridas decorrente da pandemia, ou seja, operar com os meios digitais em sua totalidade na educação, o ensino remoto. Sendo assim, em vez de haver a junção do trabalho docente com o uso da tecnologia, houve o retrocesso.

Portanto, torna-se necessário uma atenção maior para o meio educacional, tendo em vista que os recursos encontrados na educação são deveras escassos, é imprescindível a primordialidade de determinados fatores para a educação. Nesse caso, um financiamento que seja compatível com as necessidades enfrentadas pelos profissionais da educação. “O uso adequado e estruturado da tecnologia na Educação, quando aliado ao trabalho docente, pode impulsionar a aprendizagem dos alunos.” (Filho *et al.*, 2020, p. 24). Desse modo, na medida em que for dada à educação assistência para a capacitação de todos os profissionais da área, além de materiais didáticos compatíveis com as necessidades, seja presencial ou por intermédio da tecnologia, o estímulo do discente em aprender e a incitação do docente em ensinar, só irá desenvolver-se.

Inclusive, mesmo depois da pandemia, o uso de abordagens pelo meio digital será ainda mais presente no âmbito escolar, assim como, docentes mais capacitados para lecionar nessas plataformas, como sugere Paisini; Carvalho e Almeida (2020), ao alegarem que:

[...] após a pandemia possivelmente haverá um maior hibridismo da educação presencial com o EAD, pois cada vez mais os professores estarão preparados para o distanciamento, tendo a possibilidade factível de novas doenças coletivas futuras. Essa probabilidade nunca mais será descartada. (PAISINI; CARVALHO e ALMEIDA, 2020, p.8).

Diante disso, mesmo após a pandemia, aparelhos tecnológicos, plataformas de ensino e o uso da tecnologia em si, será ainda mais presente nos campos de atuação dos docentes em seus mecanismos de ensino, porque posteriormente a pandemia a tecnologia deverá ser uma metodologia de ensino que irá atuar parcialmente nas aulas presenciais, ou seja, o hibridismo na educação se tornará mais presente. Para mais, o esperado acerca de um ano é a visível distinção do crescimento de ganho por nível socioeconômico, como, por exemplo, a garantia econômica, o apoio dos pais e o acesso à tecnologia.

À vista disso, o esperado é que futuramente, após as imensas divergências enfrentadas pelos profissionais da educação, os líderes governamentais deem a devida atenção e assistência ao ensino. Cooperando para que assim, em futuros problemas enfrentados pelo país, a educação não seja tão prejudicada e que a culpa das adversidades enfrentada pelo campo educacional nesse momento de crise e inaptidão não se sobressaia sobre um dos mais afetados, o professor. Portanto, o grande antagonista da atual pandemia para a educação não é a tecnologia, e sim, o governo que não disponibiliza de recursos suficientes para suprir as demandas de ensino e enfrentar situações dessa magnitude.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sendo assim, perante a atual pandemia enfrentada, há a defasagem no ensino da língua inglesa por intermédio das aulas remotas. Uma vez que os líderes governamentais não investiram na educação, ou seja, na capacitação dos docentes e nos demais profissionais que formam o corpus da educação para o ensino remoto, ao

encarar situações de crise/pandemia como essa, o cenário calamitoso encontrado atualmente, é inevitável.

Ademais, as tribulações sofridas pelos estudantes de baixa renda, em sua maioria da rede pública de ensino, onde acabaram por ficarem reclusos há algo básico para qualquer cidadão brasileiro, a educação. Dessa forma, ao fazer a junção da falta de acessibilidade dos discentes, com a ausência de estímulo para continuarem com os estudos, terminou por ocasionar uma vasta evasão escolar, algo que será ainda mais evidente com a volta presencial das aulas.

Desse modo, o que se tem atualmente na educação do Brasil, no quesito do ensino remoto, tanto na língua inglesa quanto nas outras disciplinas, é uma total falta de despreparo para lidar com situações de emergências, o que acaba gerando um declínio neste campo de atuação.

Por conseguinte, a incapacidade dos educadores em não saber lidar com as aulas remotas, justamente pela falta de qualificação para atuar por intermédio dessas ferramentas, é um espelho do governo em não conseguir lidar com determinadas crises emergenciais. Sendo assim, o que está sendo enfrentado pela educação hoje, finda por ser um reflexo do meio social e econômico encontrado no Brasil.

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA EDUCA MAIS (Brasil). **Educação na quarentena**: 83% dos professores não se sentem preparados para aulas online. Brasil, 25 maio 2020. Disponível em: <https://portaljoinville.com.br/conteudo/educacao-na-quarentena-83-dos-professores-nao-se-sentem-preparados-para-aulas-online/>. Acesso em: 30 set. 2020.

ANTUNES, Irandé. A urgência de explorar a gramática sem equívocos. In: ___. **Muito além da gramática**: por um ensino de línguas sem pedras no caminho. 3 ed. São Paulo: Parábola, 2008.

ARAUJO, M. D O.; CARVALHO, A. B. G. **O sociointeracionismo no contexto da EAD**: a experiência da UFRN. *Tecnologias digitais na educação*, Campina Grande: EDUEPB, p. 177-208, 2011.

BRASIL. **Base nacional curricular comum**: educação é a base. Brasília, MEC, 2018.

_____. **Diretrizes curriculares nacionais gerais da educação básica**. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013.

_____. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais**: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental – língua estrangeira. Brasília: MEC/SEF, 1998.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. **Orientações Curriculares para o Ensino Médio**: linguagens, códigos e suas tecnologias. Brasília: Ministério da Educação, 2006.

BUENO, José Geraldo Silveira. **Função social da escola e organização do trabalho pedagógico**. 2001, p. 1-10.

COMO FUNCIONA O GOOGLE CLASSROOM? SAIBA TUDO SOBRE A SALA DE AULA ONLINE. **Techtudo**, 2020. Disponível em: <https://www.techtudo.com.br/noticias/2020/04/como-funciona-o-google-classroom-saiba-tudo-sobre-a-sala-de-aula-online.ghtml>>. Acesso em: 01/10/2020.

CRISTOVÃO, V. L. L.; BEATO-CANATO, A. P. M.; FERRARINI, M. A.; PETRECHE, C. R. C.; ANJOS-SANTOS, L. M. **Uma proposta de planejamento de ensino de língua inglesa em torno de gêneros textuais**. Londrina, PR, Brasil, p. 1-25, 2010.

CRISTOVÃO, V. L. L. **O uso de L1 no ensino/aprendizagem de L2**: o real x o possível. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada ao Ensino de Línguas) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1996.

FILHO, O. N., CORRÊA, G. B., GONTIJO, I., REAME, L., PEREIRA, T. **O retorno às aulas presenciais no contexto da pandemia do COVID - 19**. Nota técnica, Brasil, p. 1-33, mai. 2020.

GOOGLE MEET. **Wikipédia**, 2020. Disponível em:

<[https://pt.wikipedia.org/wiki/Google Meet](https://pt.wikipedia.org/wiki/Google_Meet)>. Acesso em: 01/10/2020.

LINDER, Larissa. **Brasil caminha para maior crise econômica de sua história**. Deutsche Welle, Brasil, 19 maio 2020. Economia, p. 1-23.

MALVEZZI, Karina Falcioni. O ensino de língua estrangeira na Educação Básica brasileira: novos caminhos. In: Congresso Nacional de Educação EDUCERE. 11 ed., 2013, Curitiba. **Anais...** Curitiba: Pontifícia Universidade Católica do Paraná, 2013. p. 16287-16300.

MENEGOLA, Maximiliano; SANT'ANNA, Ilza Martins. **O ato de planejar**. In: _____. Por que planejar – como planejar? Currículo, área, aula. Petrópolis: Editora Vozes, 2014.

MIZUKAMI, M. G. N. **Ensino: as abordagens do processo**. São Paulo: EPU, 1986.

MONTREZOR, Bethania Márcia; SILVA, Alexandre Batista da. **A dificuldade no aprendizado da Língua Inglesa**. Cadernos UniFOA. Volta Redonda, ano IV, n. 10, agosto. 2009. Disponível em: <http://www.unifoa.edu.br/portal_pesq/caderno/edicao/10/27.pdf>. Acesso em: 29 de setembro de 2020.

O QUE É COVID-19. **Ministério da Saúde**, 2020. Disponível em: <<https://coronavirus.saude.gov.br/sobre-a-doenca>>. Acesso em: 23/09/2020.

PAISINI, C. G. D.; CARVALHO, E.; ALMEIDA, L. H. C. **A educação híbrida em tempos de pandemia**: Algumas considerações. Observatório socioeconômico da COVID - 19, Santa Maria, p. 1-9, 29 jun. 2020.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e docência**: diferentes concepções, Revista Poiesis, São Paulo, v. 3, n. 3 e 4, p. 5-24, 2005/2006.

PRIMO, A. F. T.; CASSOL, M. B. F. **Explorando o conceito de interatividade**: definições e taxonomias. [S. l.], p. 1-15, 2014.

SANZ, I.; GONZÁLES, J. S.; CAPILLA, A. **Efeitos da crise do covid - 19 na educação**. 7OEI, Madrid, Espanha, p. 1-22, 2020.

SILVA, A. F. **Plano de desenvolvimento da educação**: avaliação da Educação Básica e desempenho docente. Inter-Ação, Goiânia, v. 35, n. 2, p. 415-435, jul./dez. 2010.

SILVA, A. F.; SOUZA, A. L. L. **Condições do trabalho escolar**: Desafios para os sistemas municipais de ensino. *Cadernos de Pesquisa*, v.43 n.150 p.772-787 set./dez. 2013.

TABLETS. **Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação**, 2017. Disponível em: <<https://www.fnnde.gov.br/index.php/programas/proinfo/eixos-de-atuacao/tablets>>. Acesso em: 01/10/2020.

THE WORLD BANK (Brasil). The world bank. **Políticas educacionais na pandemia do covid - 19**: o que o brasil pode aprender com o resto do mundo?, Brasil, 16 abr. 2020. where we work, p. 1-4.

TORRES, A. C. M.; COSTA, A. C. N.; ALVES, L. R. G. **Educação e Saúde**: reflexões sobre o contexto universitário em tempos de COVID-19. Brasil, p. 1-11, 2020.

VIEIRA, Letícia; RICCI, Maíke C. C. **A EDUCAÇÃO EM TEMPOS DE PANDEMIA: SOLUÇÕES EMERGENCIAIS PELO MUNDO**. Santa Catarina, abr. 2020. OEMESC, p. 1-5.

AGRADECIMENTOS

A princípio, agradeço a pessoa mais importante para a conclusão deste trabalho, eu mesma, sem minha determinação e força de vontade para não desistir dos meus objetivos, este ciclo jamais estaria sendo concluindo.

Além disso, também agradeço ao personagem fictício que me fez perceber que a persistência é acumulativa, a sempre buscar e lutar por meus sonhos, pois não há poder maior que possa mudar o destino do que o poder de acreditar em si mesmo, então, obrigada Naruto.

Não posso esquecer-me dos meus amigos que estiveram ao meu lado, alguns em todo o decorrer do curso e outros que conheci já na reta final, em especial, Ruth, Selton e Layane, me prestando apoio emocional quando necessitava e também na realização do trabalho, muito obrigada.

Aos professores que conheci em todo o decorrer do curso, agradeço pela compreensão, pelos conhecimentos compartilhados, pelas risadas e até mesmo pelos “puxões de orelha”. Tudo isso fez com que eu crescesse como ser humano, realmente agradeço.

Muito obrigada! É o mínimo que eu posso dizer a todos que contribuíram de maneira direta ou indireta para a conclusão do curso de Letras - Inglês e para a conclusão de mais um ciclo.

A todos, muito obrigada!